

REFLEXÕES SOBRE O PENSAMENTO DECOLONIAL ALINHADO AO PENSAMENTO INDÍGENA BRASILEIRO

Mariana Lisboa Farias

Graduanda em Ciências Sociais (UFRJ)

RESUMO

Este presente trabalho tem por objetivo analisar criticamente a visão de mundo Estadológica e moderna, perpetuada pela produção científica ocidental. Sob uma ótica libertária, decolonial e ressaltando a influência do anarquismo, serão utilizadas como referências indígenas brasileiras as obras de Ailton Krenak e Davi Kopenawa, onde os autores apresentam suas cosmovisões específicas.

Palavras-chave: decolonialidade; libertarianismo; anarquismo; cosmovisão; epistemologia.

ABSTRACT

This present work has as objective to analyze critically the Stadeological and modern worldview, which is perpetuated by western scientific production. Undergoing the libertarian and decolonial point of view, and emphasizing the influence of the anarchism, this paper utilizes brazilian indigenous references, more specifically the works of Ailton Krenak and Davi Kopenawa, who's authors present their specific cosmovisions.

Keywords: decoloniality; libertarianism; anarchism; cosmovision; epistemology.

CRÍTICAS À COLONIALIDADE E ESTADOLATRIA

Primeiramente, é necessário ratificar que a produção de conhecimento em escala global, sobretudo o conhecimento científico, tem como característica principal a colonialidade; o pensamento ocidental tornou-se hegemônico e se impôs sobre outras cosmovisões. Nesse processo, as Ciências Humanas foram instrumentos para a centralização do pensamento eurocêntrico e para a subalternização do conhecimento caracterizado como decolonial. O reconhecimento da desigualdade entre saberes favorece a compreensão do descrédito dos saberes decoloniais e inicia debates reflexivos acerca do tema.

A subalternização dos saberes externos ao eixo ocidental vai ser interligada ao conceito de “epistemicídio” por Wallace de Moraes (2020b, p.56). O termo, teorizado por Boaventura de Souza Santos e por conseguinte apropriado por Moraes, é utilizado para denominar o apagamento do conhecimento proveniente de sociedades não brancas, conhecimento “sem rigor científico”. Outrossim, outra característica do epistemicídio relevante nesta discussão é o apagamento do conhecimento científico que se opõe às ideias de Estado, modernidade e outras instituições convenientes à branquitude. Dessa forma, a cientificidade produzida por indivíduos pertencentes às sociedades centrais e que compactuam com o status quo é perpetuada como um saber legítimo, enquanto os críticos do sistema e os oriundos de outras culturas e visões de mundo são invisibilizados.

Outra característica “epistemicida” apontada por Wallace de Moraes é a “Estadolatria” (DE MORAES, 2020b, p.61), definida como a idolatria do Estado. A Instituição moderna de Estado é compreendida como indispensável para a ordem social e para a manutenção de outras instâncias, sendo retificada por teóricos de amplos embasamentos políticos-sociais como Thomas Hobbes, Montesquieu e Karl Marx. Contudo, o entendimento do Estado como uma instituição substancial para a organização coletiva é passível de críticas.

Sob uma ótica filosófica anarquista, é possível assimilar que a Estadolatria representa o princípio da coerção. De acordo com a publicação de Wallace de Moraes, “o Estado constitui-se na expressão máxima da negação da liberdade para seus governados, tratados desde sempre como súditos” (DE MORAES, 2020a p.15) O Estado Moderno constitui-se em um contexto turbulento; nesse sentido os indivíduos recorrem ao Estado visando proteção contra inimigos externos, e as lideranças europeias consolidam seu poder sob a figura da nobreza guerreira. Diante do medo e das incertezas, os indivíduos abrem mão de suas liberdades e estabelecem o contrato social baseado na teoria Hobbesiana. Por conseguinte, a teoria anarquista - que estabelece um profundo diálogo com o pensamento decolonial, como será exposto a posteriori - critica o caráter autoritário do Estado e a supressão da autogestão e autodeterminação dos povos.

No artigo do professor Wallace de Moraes, uma questão é elucidada:

Foucault (2002), na segunda metade do século XX, na Europa ocidental, elucida o conceito de poder soberano, praticado amplamente naquele continente, associando-o ao direito de vida e de morte dos súditos como um de seus atributos fundamentais. Ao realizar essa caracterização, o intelectual francês alerta para o direito que o soberano tem de matar. (DE MORAES, 2020a, p.7)

A partir do fragmento, é possível inferir um entendimento distinto acerca da concepção de contrato social. A totalidade de poder concedida ao soberano permite que o mesmo decida sobre a manutenção ou não da vida de seus subordinados. Ademais, o teórico francês estabelece a ideia de biopoder (ou biopolítica) como embasamentos científicos e estatísticos que sustentam e ratificam a retenção do direito à vida pelo Estado.

Ainda sobre os mecanismos disciplinadores implementados pela instituição estatal, outras formas de coerção foram desenvolvidas no cerne da sociedade estatal, como as escolas, quartéis e hospitais. Em síntese, Foucault presumiu a existência de duas séries, que se complementam: “a série corpo – organismo – disciplina – instituições; e a séria população – processos biológicos – mecanismos regulamentadores – Estado” (Moraes APUD Foucault, 2002, p. 298). Portanto, a partir da formação do Estado moderno, sua superiorização e posterior imposição, uma série de processos autoritários foram fomentados nessas sociedades, por conseguinte, prejudicaram a existência de outras organizações coletivas não-brancas.

PERSPECTIVA DECOLONIAL E LIBERTÁRIA

Em resposta à teoria do Estado Moderno, e embasado no conceito de biopolítica de Michel Foucault, Achille Mbembe constrói a ideia de *necropolítica*. Para o escritor camaronês, necropolítica/necropoder é conceituada como

As várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos”. (Mbembe, 2016 p.146)

A partir desta tese, pode-se compreender o conceito como o condicionamento da população para o seu extermínio, sendo uma consequência do contrato social que implica no

direito soberano de matar. Mbembe também explica que a terminologia criada por Foucault é insuficiente para explicar os processos contemporâneos que "subjagam a vida ao poder da morte" (MBEMBE, 2016, p.146). Em suma, o autor africano confronta o conceito de contrato social e evidencia um caráter negativo da tese, confrontando a racionalidade europeia e realizando um movimento de questionamento da suavidade do termo, como apontado na obra de Wallace de Moraes (2020a, p.8).

O trabalho de Achille Mbembe exemplifica a contracorrente das produções acadêmicas, que confrontam a colonialidade do saber. Como apontado anteriormente, a perspectiva decolonial é subalternizada; todo o conhecimento decorrente desses povos não brancos não é considerado "rigoroso" e não é acrescido de seriedade. Na obra "Os Condenados da Terra", Frantz Fanon apresenta de forma singular os impactos da colonização e imposição de saberes aos indivíduos situados no Terceiro Mundo, sobretudo a forma como a opressão vai afetar a mentalidade dos colonizados. No tocante a violência, o psiquiatra martinicano utiliza o termo para caracterizar a ação dos colonos: "O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado" (FANON, 1961 p.28)

O caráter violento é parte estruturante do colonialismo, afetando indígenas e negros. Dialogando com as passagens referentes à formação do Estado moderno, é possível observar que o uso da força é fator imprescindível na concepção eurocêntrica, tanto no espaço geográfico europeu quanto nos territórios invadidos e saqueados.

A imposição intelectual sobre os colonizados é explicitada por Fanon a partir da ideia de "universo material e moral de dominação" (FANON, 1961, p. 33). Como composição do plano estratégico dos colonizadores, o domínio mental dos povos contribuiu para estabelecê-los em posição de subalternidade; ademais, a cosmovisão dos povos não-eurocêntricos foi estabelecida como um conhecimento incompleto e especulativo. Dessa forma, a epistemologia europeia e ocidentalizada ocupa-se de produzir os saberes referentes a esses povos e consequentemente ignora o lugar de fala, a experiência, as particularidades e idiosincrasias (DE MORAES, 2020b, p.58).

As pesquisas pertinentes à filosofia anarquista também contribuem substancialmente para a produção decolonial. Por mais que sejam conhecimentos desenvolvidos por europeus em seus territórios centrais, são opositores do pensamento eurocêntrico tradicional, que defende o Estado e o sistema capitalista. Como Wallace de Moraes afirma em seu artigo, “ (...) precisaremos não estar carregados de um preconceito determinista geográfico, nem racial, segundo a qual tudo que for compartilhado por europeus deve ser rejeitado” (DE MORAES, 2020b, p. 59). Outrossim, é certo que determinadas práticas concernentes ao comportamento anarquista foram e continuam sendo exercidas por diversas sociedades decoloniais ao longo do mundo, grupos que sequer tiveram conhecimento do movimento europeu. Portanto, o conhecimento anarquista é passível de ser relacionado aos conhecimentos indígenas e negros. Somados à essas produções de conhecimento, os pensamentos interseccional e antirracista também questionam a produção intelectual eurocêntrica e hegemônica.

COSMOVISÃO INDÍGENA

No que tange o racionalismo indígena, a produção de conhecimento e as formas de subsistência são vastas e também se inserem na lógica decolonial, visto que são práticas organizativas distintas da produção eurocentrada. Nesse contexto, duas obras específicas de teóricos indígenas serão exploradas neste trabalho.

“A Queda do Céu” é uma publicação de Davi Kopenawa em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert. O xamã Yanomami assume protagonismo na obra e explicita conceitos filosóficos concernentes à ideologia do povo Yanomami. Como cerne deste pensamento está a generosidade; considerar o coletivo e as necessidades do outro indivíduo são aspectos demasiadamente valorizados. Como aponta o professor Wallace de Moraes, até a constituição dos líderes indígenas yanomamis se dá a partir da ideia de generosidade (DE MORAES, 2021). A generosidade estabelece as lógicas entre indivíduos:

Quando somos generosos, visitantes e convidados voltam para suas casas satisfeitos e alegres. Se, ao contrário, ficamos avarentos, eles partem com o peito cheio de raiva, porque recusar-lhes bens equivale a uma declaração de inimizade. Então, tomados pelo rancor, vão querer se vingar, com substâncias de feitiçaria hwërit. (Kopenawa, 2010 p 415).

Dessa forma, a generosidade vai ser um instrumento de inclusão, sendo relevante para a manutenção da convivência entre indivíduos. Nesta lógica, o homem branco é considerado um “sovina”, por ser apaixonado pelas suas mercadorias. Segundo Kopenawa, os brancos ficam eufóricos pelas mercadorias e esfumaçam todo o resto em suas mentes (KOPENAWA, 2019, p. 413). A partir desta filosofia de vida, o grupo yanomami compartilha bens e os destroem quando o dono morre, estabelecendo uma lógica de posse completamente distinta da ideia consolidada pelos europeus; basta lembrar que a acumulação de capital e a herança são princípios elementares da filosofia colonialista.

Sob outra perspectiva, Ailton Krenak produziu a obra “Ideias para adiar o fim do Mundo”. A publicação surgiu em decorrência de uma palestra homônima ministrada pelo filósofo. O conceito de humanidade é dissecado por Krenak: construiu-se uma visão evolucionista acerca do termo, que dividiu-se sobre uma ideia dicotômica entre a “humanidade esclarecida”, representada pela branquitude, e “humanidade obscurecida.”, que refere-se aos povos não-brancos. O autor também critica o que seria um “chamado para o seio da civilização” para os povos decoloniais, que corresponde a uma noção de unicidade do modo de vida na Terra (Krenak, 2019, p.8). Dessa forma, na sociedade colonial perpetua um pensamento condiciona exclusivamente à perspectiva mundana sustentada pelos europeus como a forma correta de viver na terra.

Outra afirmação pertinente feita pelo líder indígena diz respeito à justificativa do uso da violência a partir da concepção de humanidade. É possível estabelecer conexões com o trabalho de Frantz Fanon, anteriormente abordado neste trabalho, e para além disso pode-se observar como os estudos decoloniais identificam o caráter violento das instituições coloniais e representantes da perspectiva eurocêntrica; assim como aponta Krenak, o Estado “(...) atua para desfazer as formas de organização das nossas sociedades (...)” (KRENAK, 2019, p.21) . Deste modo, os estudos libertários são relevantes para retificar as cosmovisões não pertencentes ao modelo eurocêntrico, e defender a pluralidade de saberes.

A racionalidade indígena, diferentemente do pensamento colonial, se afasta da materialidade e está profundamente conectada com a natureza. Assim como defendido por Krenak em sua obra, esse tipo de cosmos é desacreditado e não é visto de forma positiva,

sobretudo por corporações capitalistas que compreendem a natureza como uma grande mercadoria. Esses grupos consideram uma ameaça “(...) o tipo de capacidade imaginativa e de existência que um povo originário como os Yanomami é capaz de produzir”. A lógica do utilitarismo da terra é evidenciada nesse processo: a função da flora torna-se reduzida ao fornecimento de matérias-primas ou a preservação é necessária para manter a humanidade em condições plenas de sobrevivência. A concepção eurocêntrica de voltar-se ao centro da racionalidade e por consequência o centro de importância mundana não concede espaço para outras perspectivas de mundo e nem para a relativização dessa forma de pensamento e compreensão de que é somente mais uma perspectiva de mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com suporte nas ideias dos dois teóricos indígenas, e somados às concepções dos pensadores decoloniais citados acima e de tantos outros, é possível estabelecer um posicionamento crítico face à epistemologia eurocêntrica, que se estabelece como visão de mundo embasada e que se encontra dentro dos moldes científicos acadêmicos, positivistas e colonialistas. Nesse sentido, o Epistemicídio ocorre na medida em que essas outras visões de mundo são criticadas e não são consideradas “rigorosas, tornando-se invisíveis” (DE MORAES, 2020b, p.55).

Esse conhecimento, decolonial e libertário, apresenta-se em várias frentes epistemológicas. Os saberes e cosmovisões de povos originários, somados à produção científica crítica do “establishment” (DE MORAES, 2020b, p.56), são caracterizados por Michel Foucault como “saberes sujeitados”, sendo visões que sofrem por não se enquadrarem nos arcabouços científicos mas resistiram e ainda resistem como alternativas de formas de pensamento.

Essas produções foram importantes para reconhecer os erros, o abrandamento de termos eurocêntricos como o Contrato Social (DE MORAES, 2020a, p.8), e o racismo implantado na modernidade e na economia política desde a concepção dos Estados. Como aponta Moraes, “o princípio organizador da modernidade e do capitalismo foi o racismo” (DE

MORAES, 2020b, p.60) As sociedades modernas se formam permeadas pelo ideal nacionalista onde supervalorizam suas particularidades. Esse movimento ocorre a priori dentro do Continente Europeu e em seguida afeta as sociedades coloniais. Assim, torna-se lúcida a proveniência da subalternidade imposta ao povo decolonial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FANON, Frantz. (1968), Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- KRENAK, Ailton. (2019), Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras.
- KOPENAWA, Davi; & ALBERT. Bruce. (2015), Paixão pela mercadoria In: A queda do céu: palavras de um xamã yanomami; São Paulo; Companhia das Letras; pp. 406 - 420.
- MBEMBE, Achille. (2016) Necropolítica. Em debate: Rev. Arte & Ensaios, e-ISSN: 2448-3338, Rio de Janeiro, n.32, p. 122-151.
- DE MORAES, W. (2020a). AS ORIGENS DO NECRO-RACISTA-ESTADO NO BRASIL CRÍTICA DESDE UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL & LIBERTÁRIA. Revista Estudos Libertários, 2(6), 5/27. <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/39358>
- _____ (2021), Aula sobre o pensamento do Davi Kopenawa sobre a Paixão pela mercadoria do prof. Wallace de Moraes (2021). Canal CPDEL UFRJ Decolonial Libertário e Antirracista!. <https://www.youtube.com/watch?v=3nHb1CoXru4&t=5447s>
- _____ (2020b). CRÍTICA À ESTADOLATRIA: CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA ANARQUISTA À PERSPECTIVA ANTIRRACISTA E DECOLONIAL. Revista Teoliterária, 10(21), 54/78. <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/49502>